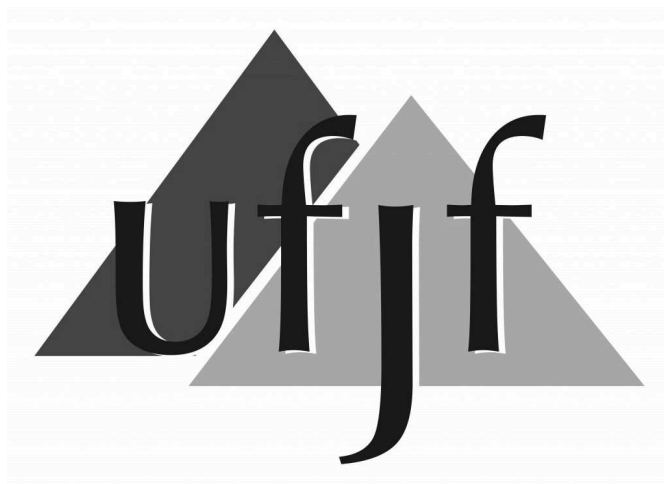




**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO**

ANA CLARA CISCOTTO RIENDA PAIS

**O DIA QUE NÃO TEVE FIM: UMA REPORTAGEM AUDIOVISUAL DA
TRAGÉDIA DE PETRÓPOLIS**

JUIZ DE FORA- MG
2024

ANA CLARA CISCOTTO RIENDA PAIS

**O DIA QUE NÃO TEVE FIM: UMA REPORTAGEM
AUDIOVISUAL DA TRAGÉDIA DE PETRÓPOLIS**

Memorial Descritivo apresentado como pré-requisito para
obtenção de grau de bacharel no curso de Jornalismo da
Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de
Juiz de Fora.

Orientador (a): Prof. Dr. Álvaro Trigueiro Americano

JUIZ DE FORA- MG
2024

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Pais, Ana Clara Ciscotto Rienda.
"O dia que não teve fim" : uma reportagem audiovisual da tragédia de Petrópolis / Ana Clara Ciscotto Rienda Pais. -- 2024.
48 p.

Orientador: Álvaro Americano
Coorientador: João Paulo Malerba
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Comunicação Social, 2024.

1. Jornalismo. 2. Trabalho de Conclusão de Curso. 3. Petrópolis.
4. Reportagem. I. Americano, Álvaro, orient. II. Malerba, João Paulo, coorient. III. Título.

Ana Clara Ciscotto Rienda Pais

**O DIA QUE NÃO TEVE FIM: UMA REPORTAGEM AUDIOVISUAL DA
TRAGÉDIA DE PETRÓPOLIS**

Memorial Descritivo apresentado como pré-requisito para
obtenção de grau de bacharel no curso de Jornalismo da
Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de
Fora.

Orientador (a): Prof. Dr. Álvaro Trigueiro Americano

Banca examinadora:

Prof. Dr. Álvaro Trigueiro Americano (UFJF) - Orientador

Prof. Dr. João Paulo Malerba (UFJF) - Co- Orientador

Letícia Nery de Paula (Jornalista) - Convidada

AGRADECIMENTOS

Dedico este trabalho aos meus pais, Kelry e Manuel, que me deram apoio incondicional em tudo que eu me propôs a fazer na vida e que batalharam dia e noite para que eu pudesse ter o mundo. Ao meu irmão, Leonardo, que foi um grande amigo e incentivador em todas as vezes que precisei. E a toda minha família, que sempre foi minha base e minha certeza de que eu teria para onde voltar onde quer que eu estivesse.

Aos meus avós maternos, Ivete e José Carlos, que desde que eu me entendo por gente me fizeram acreditar que eu poderia chegar até aqui ou onde eu quisesse. E que foram colo, aconchego e carinho. Aos meus avós paternos, Helena e Fernando, que, de outro plano, me acompanharam nessa jornada e me acompanharão sempre.

Ao meu amor, que foi casa em todos os sentidos da palavra. Aos meus amigos, que sempre me incentivaram, me apoiaram, torceram por mim em cada conquista e me fizeram sentir com que eu estivesse no caminho certo, com as pessoas certas. E a todas as pessoas de Petrópolis que me auxiliaram nos momentos que precisei.

Dedico também a todos que tem o sonho, assim como eu tinha, de ter o direito à uma educação pública, gratuita e de qualidade. O ensino superior em uma universidade como a UFJF ainda é um privilégio no Brasil. Dedico este trabalho à esperança de que um dia não seja mais assim.

*Dedico este trabalho à Márcia,
Cléber, Leandro, Cristiane,
Adalto e a todas as vidas
interrompidas em fevereiro de
2022.*

*Sem memória há esquecimento e
com esquecimento não há justiça.*

RESUMO

Este trabalho é um memorial descritivo da reportagem audiovisual sobre a tragédia causada pelas chuvas de Petrópolis em 2022. Ele busca contar histórias das vítimas e relatar as causas, consequências e o que segue acontecendo em uma cidade extremamente castigada pelos desastres naturais frutos das mudanças climáticas.

O trabalho possui uma base teórica que caminha desde os primórdios do jornalismo até os entendimentos do que são grandes reportagens investigativas. Além de demonstrar por meio de um memorial descritivo todo o processo de apuração, produção, gravação, roteirização e apresentação do produto final.

"O dia que não teve fim: uma reportagem audiovisual da tragédia de Petrópolis", também está inserida em uma plataforma "O dia que não teve fim" (<https://odiaquenaotevefim.my.canva.site/>) com detalhes da produção, making off e depoimentos coletados ao longo das entrevistas.

Palavras Chaves: Jornalismo; Reportagem audiovisual; Tragédia de Petrópolis

LISTA DE APÊNDICES

1. APÊNDICE 1- ROTEIRO DE REPORTAGEM.....	35
2. APÊNDICE 2 - POSICIONAMENTO DOS ÓRGÃOS.....	40
3. APÊNDICE 3- SITE.....	41
4. APÊNDICE 4- SOBRE A PRODUÇÃO.....	42
5. APÊNDICE 5- MAKING OFF.....	43
6. APÊNDICE 6- DEPOIMENTOS.....	44

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. AS HISTÓRIAS QUE O JORNALISMO CONTA.....	11
2.1 O QUE É JORNALISMO.....	11
2.2 O QUE É UMA REPORTAGEM INVESTIGATIVA.....	17
2.3 CARACTERÍSTICAS DO AUDIOVISUAL INVESTIGATIVO.....	19
3. A TRAGÉDIA EM PETRÓPOLIS: O QUE ACONTECEU E O QUE MUDOU DESDE ENTÃO.....	23
3.1 ENTENDENDO A GEOGRAFIA DA TRAGÉDIA.....	24
3.2 O QUE MUDOU DESDE ENTÃO.....	26
4. DIÁRIO DE PRODUÇÃO.....	28
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
6. REFERÊNCIAS.....	47

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho vai mostrar desde a ideia da criação até a edição de uma reportagem audiovisual da tragédia de Petrópolis. Ele começa apresentando uma base teórica de autores como Wolf, Traquina e Pena, que mais tarde viria a ser utilizada na prática, falando sobre a história do jornalismo, o que são reportagens audiovisuais investigativas e como elas são feitas.

Além disso, ele também reúne breves informações sobre a cidade de Petrópolis, as chuvas que já aconteceram antes na cidade e mais detalhes sobre a tragédia de 2022. Ele vai explorar desde a geografia da tragédia até os motivos sociais pelos quais ela acontece, além de trazer informações sobre o que mudou -ou não- de lá para cá.

O foco da reportagem é trazer relatos de vítimas e familiares que sofreram com a chuva de fevereiro daquele ano. Pessoas que perderam a casa, a família, e que hoje buscam por justiça e por um espaço para poderem contar suas histórias e, assim, mantê-las na memória.

Decidi fazer um trabalho prático porque é o que eu sonho em fazer dentro do jornalismo e sentia que precisava finalizar o meu ciclo colocando em prática tudo que eu aprendi e quero fazer profissionalmente. E mesmo não sendo de Petrópolis, escolhi falar sobre esse tema porque via as pessoas lá muito apáticas em relação a tudo que aconteceu, e pensei que seria importante contar as histórias das pessoas que sofreram e continuam sofrendo com os desastres naturais na região.

Ao longo do trabalho, pude ter contato com pessoas maravilhosas e relatos muito emocionantes. Além das entrevistas com as vítimas, também ouvi pessoas especializadas que poderiam explicar melhor a situação das chuvas, além de profissionais de resgate. Junto a isso, também foram feitas e coletadas imagens da cidade.

Sinto que esse trabalho é o meu dever como alguém que está se formando em Jornalismo. Sempre soube que eu queria trabalhar ouvindo e contando histórias, mas mais que isso, tentando, sempre que posso, atuar na justiça social e ser porta-voz das pessoas. Além disso, também acredito que cresci muito como profissional, pondo em prática coisas que aprendi ao longo da faculdade, seja nas aulas ou nos projetos e estágios.

Essa produção é a minha forma de contribuir de algum jeito com a sociedade e manter vivas as histórias dessas pessoas, na busca por soluções, justiça e memória. As vítimas da tragédia precisavam ser ouvidas e lembradas. Esse foi o meu objetivo desde o início. Espero que, assim como eu, quem assista se sinta tocado e sensibilizado com a dor e luta de cada um que passou por essa reportagem.

2. AS HISTÓRIAS QUE O JORNALISMO CONTA

O objetivo deste primeiro capítulo é procurar discutir as questões teóricas que envolvem o jornalismo, de forma a compreender os impactos disso na hora da escolha de produzir uma reportagem audiovisual. Ou seja, procurar discutir os principais conceitos de notícias, reportagens, e as diferenças entre elas. Além disso, buscar o embasamento teórico para entender o que caracteriza uma grande reportagem em si.

2.1 O QUE É O JORNALISMO

Para fazer uma grande reportagem é primordial entender alguns pontos do porque ela está sendo produzida. Muitas perguntas surgem a partir da ideia do tema a ser trabalhado, como qual o suporte que será usado, que formato é mais apropriado para a apresentação do conteúdo, quais as fontes que podem/devem ser utilizadas, por exemplo. Para tentar responder essas questões, vamos buscar o embasamento teórico do fazer jornalístico.

Em primeiro lugar, destacamos alguns conceitos para compreender o que é o jornalismo e suas características. Um deles diz respeito à diferenciação entre o que é uma notícia e a diferença com relação à reportagem. Para Lage (2001, p.32), a notícia é "o relato de uma série de fatos a partir do fato mais importante, e este, de seu aspecto mais importante". O autor afirma que a notícia trata de fatos que acabaram de ocorrer, tendo um acontecimento como principal e que seja de interesse do público.

Já em relação a reportagem, pode ser entendida como uma matéria jornalística que aborda outro tipo de investigação, por diferentes autores. Segundo Tavares (1997, p.124), "aborda com maior profundidade um tópico (assunto, fato), analisando-o e interpretando-o; e pode trazer de forma explícita ou implícita a opinião de seu autor (ou da instituição que veicula o texto) acerca de tal tópico"

Dessa forma, entende-se, por vez, que a produção de uma reportagem vai exigir um trabalho maior do jornalista na apuração, revisão dos fatos, e até mesmo um melhor entendimento de determinado assunto.

Além disso, o autor Nilson Lage também levanta um interessante conceito a partir da reportagem:

O trabalho de reportagem não é apenas o de seguir um roteiro de apuração e apresentar um texto correto. Como qualquer projeto de pesquisa, envolve imaginação, insight: a partir dos dados e indicações contidos na pauta, a busca do ângulo (às vezes apenas sugerido ou nem isso) que permita revelar uma realidade, a descoberta de aspectos das coisas que poderiam passar despercebidos. (LAGE, 2003, p.15)

Ou seja, a reportagem pode envolver um tema que não é atual, factual, uma vez que ela vai tratar o assunto de maneira mais aprofundada. Também por isso as notícias, assim como mais diretas, normalmente são mais curtas, enquanto as reportagens geralmente se utilizam de um espaço maior. Para Tavares (1997, p.125) "Em resumo, grosso modo, a notícia lida com fatos, ao passo que a reportagem lida com assuntos e enfoques ou abordagens que implicam opinião".

Outro conceito que buscamos com relação ao jornalismo é o que discute o critério de noticiabilidade (ou os critérios). Quer dizer, qual a característica que faz um tema ser escolhido como assunto jornalístico em detrimento de outro? Qual a razão de determinadas notícias e reportagens gerarem mais impacto e engajamento do que outras? Um importante termo para "tratar" dessas dúvidas é o valor-notícia. Ou seja, aquilo que os jornalistas entendem como critérios para que uma notícia seja explorada. São valores que os jornalistas compartilham como forma de refletirem a sociedade em que vivem.

A previsibilidade do esquema geral das notícias deve-se à existência de critérios de noticiabilidade, isto é, à existência de valores-notícia que os membros da tribo jornalística partilham. Podemos definir o conceito de noticiabilidade como o conjunto de critérios e operações que fornecem a aptidão de merecer um tratamento jornalístico, isto é, possuir valor como notícia. Assim, os critérios de noticiabilidade são o conjunto de valores-notícia que determinam se um acontecimento, ou assunto, é susceptível de se tornar notícia (...) (Traquina, 1999, p.63)

Inúmeros autores que estudam o jornalismo falam a respeito dos valores/ notícias. Um deles, Wolf (2006, p.85) define que os valores/notícia são "regras práticas que abrangem um

corpus de conhecimentos profissionais que, implicitamente, e, muitas vezes, explicitamente, explicam e guiam os procedimentos operativos redactoriais."

Para ele, esses valores derivam de quatro pressupostos: às características substantivas das notícias, ao seu conteúdo; à disponibilidade do material e aos critérios relativos ao produto informativo; ao público; à concorrência.

A primeira categoria de considerações diz respeito ao acontecimento a transformar em notícia; a segunda, diz respeito ao conjunto dos processos de produção e realização; a terceira, diz respeito à imagem que os jornalistas têm acerca dos destinatários e a última diz respeito às relações entre os mass media existentes no mercado informativo. (Wolf, 2006, p.87)

No primeiro pressuposto, Wolf (2006, p.88) trata sobre os critérios substantivos das notícias, que se dividem em dois: a importância e o interesse da notícia. Segundo ele, a importância pode ser determinada em quatro variáveis. A primeira delas é o grau ou nível hierárquico das pessoas envolvidas naquele fato. Um exemplo é a prioridade de notícias que envolvam instituições governamentais ou chefes de estado.

A segunda variável da importância fala especificamente sobre o impacto daquele acontecimento na nação, e a respeito do interesse nacional naquilo. Ou seja, a relevância do assunto para o público do país, e a capacidade do conteúdo de ter maior alcance.

Já a terceira categoria trata da quantidade de pessoas que aquele acontecimento envolve. Isso porque, quanto maior for o número de pessoas ao redor daquele fato, os jornalistas entendem que maior é a visibilidade dele. E, com isso, consequentemente maior é o seu valor/notícia.

A última categoria que pode definir a importância da notícia diz respeito à relevância daquele fato em relação a determinações futuras. Ou seja, a capacidade do assunto de continuar prendendo o público, e gerando interesses que podem ou não ser ainda maiores futuramente.

Um exemplo da última categoria é a cobertura de eleições presidenciais. Quando os jornais começam a acompanhar, desde o período eleitoral, há uma progressão de fatos que fazem com que a atenção - e, às vezes, a tensão - aumente. O dia da decisão de um segundo turno tem potencial de mais visibilidade do que um dia normal, quando a cobertura estava

direcionada para os locais onde os candidatos estavam fazendo campanha na corrida eleitoral. Assim como também possui mais visibilidade do que o primeiro turno, e assim por diante. Por isso, aquele fato possui um alto valor, já que ele vai ganhando maior relevância com o passar do tempo e quando se aproxima do seu momento mais decisivo.

Quanto ao segundo critério substantivo, o interesse, Wolf (2008, p.89) descreve como algo subjetivo, que irá tratar da capacidade de entendimento e compreensão do jornalista com o seu público. Passa pelo conhecimento do profissional daquilo que vai ou não engajar aqueles que acompanham o veículo e a linha editorial dele.

O segundo pressuposto de Wolf (2006, p.90) é a disponibilidade do material e os critérios relativos ao produto informativo. Por exemplo, é essencial que o jornalista compreenda o quão disponível é aquele fato, de modo que garanta que ele seja noticiado. O quão acessível ele é, se ele pode ou não ser investigado, se o veículo possui verba e material para tal etc. Já em relação aos critérios do produto, trata-se de entender a viabilidade daquela notícia no meio de comunicação. É possível escrevê-la? Encaixa na grade? Vale cair com uma programação habitual para que ela entre?

O terceiro pressuposto diz respeito ao meio de comunicação e ao seu público. Cabe ao jornalista compreender o que deve ser noticiado como necessidade e o que é apenas de interesse de um determinado público. No entanto, é essencial encontrar um balanço que satisfaça o espectador e também trabalhe com os critérios anteriores de valores notícia, como matérias de serviço e denúncias.

Por fim, o pressuposto da concorrência. Para Wolf (2006, p.94), a competitividade faz com que sejam gerados parâmetros profissionais e modelos de referência. Ou seja, uma notícia pode ser publicada, porque se pensa que um outro veículo, "concorrente", vai publicar também. Além disso, a concorrência também influencia na busca dos veículos por conteúdos inéditos, que trazem pautas e discussões diferentes de temas cotidianos.

Já para outros autores, diferentes critérios de noticiabilidade podem ser aplicados. Galtung e Ruge (1965, p.71), por exemplo, definem um deles como a "referência a algo negativo". Ou seja, aquilo que parte de um evento ou fato "ruim", de escândalos, tende a ser mais facilmente transformado em notícia.

As notícias negativas são mais inesperadas do que as positivas, tanto no sentido de que os acontecimentos referidos são mais raros, como no sentido de que são menos previsíveis. Isto pressupõe uma cultura onde as mudanças para o positivo, por outras

palavras «o progresso», são vistas de algum modo como a coisa normal e trivial que pode ser menos noticiada porque não representa nada de novo. Os altos e baixos negativos serão mais noticiados do que o fluxo positivo estável. (Galtung e Ruge, 1965, p. 70)

No que diz respeito à reportagem que propomos nesse Trabalho de Conclusão de Curso, uma outra espécie de valor-notícia se aplica bem ao porquê de sua produção - o encanto pelo inesperado. Isso porque se trata de uma tragédia, de um volume de chuva inesperado, e uma destruição inesperada. Foram vidas perdidas, casas perdidas, em uma importante cidade do país, Petrópolis. Ou seja, até o momento do acontecido era um dia comum, com pessoas trabalhando, estudando, sem a menor noção do que viria a acontecer. A partir do momento em que a tragédia começa vem o choque, e consequentemente a busca pela compreensão do que acontecia. Surge, além da aflição, preocupação e espanto dos telespectadores, mas também esse "encanto pelo inesperado".

"Embora o jornalismo inclua muita rotina, o inesperado é o momento mágico incontornável de qualquer filme de hollywood sobre os jornalistas; (...) estar no centro do vulcão da cobertura jornalística de um acontecimento inesperado corresponde a um momento histórico da carreira" (Traquina, 1996, p.96)

Um último conceito importante a ser abordado é o da ética no meio jornalístico. É essencial para todos os meios de comunicação que eles trabalhem as notícias e reportagens de uma forma humana, que não fira as diretrizes estabelecidas pelas relações interpessoais.

Além disso, é necessário o cuidado para que uma reportagem que busca retratar faces de uma tragédia, com o objetivo de contar histórias e dar visibilidade àqueles que foram vítimas, não caia no sensacionalismo. O Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros diz que é da conduta profissional e dever do jornalista "respeitar o direito à intimidade, à privacidade, à honra e à imagem do cidadão" (Art. 6, VIII)"

Juntamente com esse cuidado, também cabe ao jornalista compreender que ouvir e contar histórias passam também por não julgar os personagens da produção. Não cabe à imprensa ditar juízos de valores que classificam o bom ou o ruim. Até porque, alguns casos

fatídicos no Brasil demonstram sérias consequências de coberturas que julgam e apontam culpados - muitas vezes sem o cuidado de uma apuração aprofundada e exaustiva.

Um deles é a cobertura jornalística do ocorrido na Escola Base¹. Uma denúncia de abuso sexual em uma escola na cidade de São Paulo, em 1994, levou ao linchamento público dos acusados - que viriam a ser inocentados de todas as acusações posteriormente. Após o surgimento da denúncia por parte de mães, de que os proprietários da Escola Base estariam abusando de crianças de quatro anos, estudantes da escola, se iniciou uma espécie de histeria coletiva sobre o caso, muito alimentada pela imprensa. Um laudo inicial feito pela polícia havia indicado a possibilidade de sinais de abuso em um dos menores. Como resultado, o local foi depredado e os acusados expostos, perseguidos e torturados.

A cobertura negligente e sensacionalista dos veículos de comunicação brasileiros fez com que a vida dos denunciados fosse destruída, antes mesmo da conclusão do inquérito. Mais tarde, os exames foram refeitos e ficou comprovado que os abusos não existiram. Mesmo inocentados, os envolvidos ficaram marcados no público por causa da cobertura da mídia. O caso pode ser considerado uma cicatriz no jornalismo brasileiro, e um ensinamento sobre a importância de uma apuração séria, ética e contínua.

A identidade é descentrada e fragmentada. Tem lugar para contradições e ambigüidades. Classe, gênero, sexualidade, etnia, nacionalidade, raça e outras tantas identidades formam uma estrutura complexa, instável e, muitas vezes, deslocada. Nas contradições e deslocamentos estão os fractais da identidade. Ninguém é totalmente bom ou totalmente ruim, mas sim a soma de todos os seus fractais. Definições totalizantes e verdades absolutas revelam apenas a mais torpe forma de arrogância. E são a causa dos julgamentos precipitados. (Pena, 2005, p.33)

Além disso, o autor também fala sobre como a ética no campo jornalístico acaba, por vezes, sendo justamente um reflexo da ética na vida humana. Segundo Pena (2005, p.33) "(...) refere-se à interpretação de uma determinada atitude. E essa própria atitude pode ser construída e reconstruída de acordo com o parâmetro da interpretação, já que está inserida em uma teia de conexões e complexas estruturas. Como o jornalismo."

¹ O Caso Escola Base possui um documentário explicando os fatos, disponível atualmente na plataforma de Streaming GloboPlay.

Para exemplo, na reportagem a ser produzida neste trabalho, a ética em relação às entrevistas é um ponto-chave. Isso porque se trata de uma tragédia, que envolve não somente perdas materiais, mas de familiares e amigos. Ou seja, é extremamente importante que as questões emocionais dessas fontes sejam levadas em consideração, sem exceder limites, na mera busca de comoção pública. Ou seja, é essencial que os realizadores não tratem as fontes apenas como produtos e "furos"². É preciso tomar todos os cuidados para não ferir os direitos pessoais, e entender os limites de um conteúdo jornalístico.

2.2 O QUE É UMA REPORTAGEM INVESTIGATIVA

Para que seja produzida a reportagem audiovisual proposta neste trabalho de conclusão de curso é importante compreender algumas definições do que é uma reportagem investigativa. Por isso, neste tópico, vamos abordar de que forma ela se diferencia de uma reportagem "comum", da notícia cotidiana.

Em primeiro lugar, é importante destacar o que diferencia o jornalismo investigativo do jornalismo do dia a dia.

Pode-se também entender jornalismo investigativo – pelo menos parte dele – como um esforço para evidenciar misérias presentes ou passadas da sociedade, injustiças cometidas; contar como as coisas são ou foram e como deveriam ser ou ter sido. O resultado do trabalho é a produção de textos extensos que eventualmente não cabem em veículos jornalísticos convencionais. Costumam ser publicados, então, na forma de livros ou documentários em vídeo. Livres de injunções, os repórteres se permitem explorar linhas de raciocínio divergentes e chegar a conclusões que, se não verdadeiras, pelo menos inquietam os bem pensantes. (Lage, 2003, p.62)

Além disso, Lage (2003, p.62) fala sobre outro aspecto que diferencia o jornalismo investigativo dos demais: "(...)forma extremada de reportagem. Trata-se de dedicar tempo e esforço ao levantamento de um tema pela qual o repórter, em geral, se apaixona."

Assim, é possível afirmar que uma reportagem investigativa possui, além do característico viés de denúncia e da paixão do repórter pelo tema, uma produção e apuração

² Furos: jargão jornalístico utilizado para se referir a uma notícia importante, publicada por um órgão de imprensa antes dos demais

trabalhosa e detalhada. E ainda, a reportagem investigativa, diferentemente das demais, pode surgir de maneiras nem sempre convencionais - como fontes oficiais.

Lage (2003, p.62) define seis passos para a concepção de uma reportagem investigativa. O primeiro deles é decorrente de pequenas experiências, pistas dadas por informantes, fatos curiosos, leituras cotidianas ou mesmo a observação direta da realidade. O segundo passo é o estudo de viabilidade, ou seja, se existem documentos, fontes e recursos a serem acessados a tempo da produção.

O terceiro trata da familiaridade com o assunto, que se dá a partir do conhecimento prévio do repórter ou estudos e fontes secundárias³. O quarto passo é desenvolver um plano de ação, que envolva custos, cruzamento de informações etc. O quinto é realizar o plano, ouvindo as fontes e fazendo as consultas oficiais para, por último, reavaliar o material apurado e preencher as informações.

Falar sobre reportagens investigativas pode trazer à tona um trabalho jornalístico considerado exemplar, o caso Watergate⁴. Em 1972, dois jornalistas investigativos, Bob Woodward e Carl Bernstein, começaram a publicar no jornal americano The Washington Post, uma série de reportagens investigativas a partir de um roubo no edifício Watergate, prédio de escritórios da cidade de Washington. Elas alavancaram investigações policiais, o que culminou na renúncia do então presidente americano Richard Nixon, dois anos depois. Ele estava envolvido em escândalos de corrupção, conspiração e abuso de poder.

Outro modelo de reportagem investigativa que podemos apontar é o livro-reportagem da jornalista investigativa e escritora juizforana Daniela Arbex, " Todo dia a mesma noite: a história não contada da boate Kiss"⁵. Nesse trabalho Daniela revive a tragédia na boate Kiss, na cidade de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, em janeiro de 2013. Na ocasião, um incêndio por conta da utilização de artefatos pirotécnicos de forma irregular durante um show e falhas na segurança da boate, deixaram 242 mortos, em sua grande maioria estudantes da Universidade Federal de Santa Maria.

Na obra, Daniela fala a respeito da tragédia a partir dos olhares dos familiares e amigos das vítimas, além dos relatos dos sobreviventes. Além disso, a jornalista também traz

³ Fontes Secundárias: Lage (2001, p. 29) "São consultadas para a preparação de uma pauta ou a construção das premissas genéricas ou contextos ambientais".

⁴ O Caso Watergate pode ser compreendido mais a fundo no filme "Todos os Homens do Presidente", disponível na plataforma de Streaming Prime Vídeo.

⁵ O livro "Todo dia a mesma noite: a história não contada da boate Kiss" resultou também em uma série, na qual Daniela Arbex foi produtora. Ela está disponível na plataforma de streaming Netflix.

à tona, por meio de uma extensa apuração, inúmeras irregularidades e negligências que culminaram no acontecimento.

Para as vítimas indiretas do incêndio na Kiss, resistir não é uma escolha, mas um imperativo de sobrevivência. Resistir ao cansaço da espera por alguém que não voltará, ao silêncio imposto pela ausência, à dor que teima em ficar, por mais que se queira livrar-se dela. Resistir não só à perda, mas ao esquecimento, que busca sepultar os erros que contribuíram para que o dia 27 de janeiro de 2013 não terminasse para mais de duzentas pessoas. A construção da memória do pior desastre provocado pelo homem na história recente do Brasil é necessária. Só assim o país poderá lidar de frente com as causas e as consequências de uma tragédia que envergonha pela matança e pela impunidade. (Arbex, 2018, p.227)

Em ambos os casos, existe um extenso trabalho de investigação e apuração de jornalistas, que geraram um grande impacto público. No caso Watergate, o jornalismo investigativo colaborou para um escândalo político, que mudou o futuro do poder executivo dos Estados Unidos. Enquanto isso, o livro de Daniela Arbex deu voz àqueles que estiveram calados por muitos anos, além de funcionar como um documento de denúncia e memória.

2.3 CARACTERÍSTICAS DO AUDIOVISUAL INVESTIGATIVO

Para a concepção do trabalho que propomos, entendemos que é necessário analisar mais especificamente os elementos de reportagens audiovisuais investigativas. Ou seja, quais os processos de produção que as diferenciam de outras reportagens, como funciona o trabalho com as fontes, a recuperação de imagens e os trabalhos de pós-produção.

Uma produção audiovisual se diferencia da reportagem escrita, por exemplo, em vários aspectos. No entanto, um fator essencial é poder utilizar a imagem e o som para envolver e ajudar o entendimento do telespectador sobre o tema tratado. É importante lembrar que os elementos visuais e sonoros contribuem para que o público compreenda mais facilmente os aspectos de uma investigação jornalística.

Além disso, a escolha pela produção de uma reportagem audiovisual impacta, inclusive, a própria pauta. É preciso que seja pensado desde o começo de que forma aquele conteúdo vai causar reações no público. Retratar impactos de um fenômeno natural, por exemplo, pode fazer mais sentido e causar maior impacto quando o tema é tratado através de

um trabalho audiovisual. Por mais que um relato escrito cause sim, impacto, ver e ouvir sobre aquele fato pode trazer mudança na perspectiva das pessoas.

Indo além do clássico trabalho de 'formiga' do jornalista, que é apurar informações para uma grande produção, o audiovisual investigativo também depende de outros fatores essenciais, como a recuperação de imagens. Tendo como exemplo este Trabalho de Conclusão de Curso, que busca se enquadrar justamente como uma reportagem audiovisual investigativa, recuperar imagens da tragédia de Petrópolis é um dos seus elementos mais importantes e fundamentais. É por meio desse material audiovisual que quem assiste a produção pode, de fato, se imaginar vivendo aquela situação, o que pode despertar, além do espanto, a empatia.

O jornal se dirige à mente. A rádio se dirige à mente. A televisão, porém, efetivamente ajuda mais a compor o ambiente, ajuda a fazer o que eu chamo de bios-mediático. Por quê? Porque a televisão cria um ambiente simulativo. Ela cria uma outra realidade e amplia sua própria realidade, onde o indivíduo imerge. (Sodré, 2008, p.19).

Outro fator essencial do audiovisual investigativo que o diferencia de outros gêneros jornalísticos é o trabalho de roteirização e pré-produção de uma reportagem. Além da apuração com diversas fontes, recolhimento de dados, etc, cabe também ao repórter a produção de um roteiro inicial. É por meio dele que será indicado o passo a passo daquela narrativa, o momento em que entram os depoimentos, as imagens, os sons, a abertura e o encerramento. É uma espécie de espelho para que o repórter tenha controle e estruture a reportagem. É a partir do roteiro que se tem uma linha de reportagem, e também é a partir dele que surgem novas ideias e pensamentos, buscando um produto final.

De maneira muito geral, podemos dizer que esta forma escrita a que chamamos roteiro é algo de muito efêmero: existe durante o tempo que leva convertendo-se num produto audiovisual. Embora existam roteiros editados em forma de livro -- existem coleções dedicadas a isso -, o roteiro propriamente dito é como se fosse uma crisálida que se converte numa borboleta (Comparato, 1995, p.21)

Outra característica do audiovisual investigativo é a apresentação das fontes. Enquanto no impresso, por exemplo, o público pode se contentar com uma aspa, o audiovisual exige um trabalho mais extenso. Tanto na marcação com a fonte, quanto na escolha do local para a gravação, o manuseamento de câmera, luz, som etc.

Além disso, lidar com a segurança das fontes no audiovisual investigativo é uma das principais responsabilidades do jornalista. É imprescindível, por exemplo, que se preserve uma fonte que pede anonimato. É necessário um jogo de luzes com a câmera para que o rosto não seja identificado, ou também uma edição que faça esse trabalho. Em alguns casos ainda se deve, também, utilizar efeitos de adulteração de voz.

Ainda é possível citar uma terceira questão relacionada às fontes no audiovisual. Quando o telespectador está vendo e ouvindo o relato daquela pessoa, é possível transparecer mais emoções. Um exemplo é permitir, na edição da matéria, que passe a voz embargada do entrevistado durante um relato, ou até mesmo o choro, uma risada, uma pausa etc. Essa "magia" faz com que o público se aproxime daquela fonte, crie uma espécie de laço, o que também pode trazer um peso a mais para a matéria (especialmente em casos de tragédias ou denúncias, por exemplo).

Uma questão controversa é o conteúdo emocional de uma entrevista. Baseados na tradição do jornalismo impresso (em que a emoção numa entrevista é, em regra, suprimida ou mostrada de maneira muito sutil), repórteres de rádio e, principalmente, de televisão costumavam ou costumam suprimir na edição demonstrações tais como a voz esganiçada, a testa franzida, o soluço e as lágrimas de um entrevistado. No entanto, tais momentos podem ser os mais significativos e importantes. (Lage, 2003, p.36)

Outro aspecto importante de ser destacado no audiovisual investigativo é a forma com que o repórter escolhe trazer dados para a matéria. Diferentemente do impresso, em que é possível ler inúmeras vezes a mesma informação, a televisão exige uma informação de entendimento rápido e direto, que não vá dispersar o público, seja clara e facilmente decodificada pelo público que recebe a mensagem.

Por isso, é necessário que a reportagem contenha não somente imagens, mas entrevistas, passagens⁶ do repórter e até mesmo elementos gráficos. Por exemplo, quando há um dado de extrema importância para aquela investigação, convém que ele esteja não somente sendo dito pelo repórter (seja em off⁷, sonora⁸ ou passagem), mas também que ele apareça escrito ou representado de alguma forma na tela.

Um último fator que caracteriza o audiovisual investigativo é o que diz respeito à integridade do repórter. Além da exposição de ir até locais muitas vezes "perigosos", com equipamentos que denunciam sua intenção de coletar informações, é também preciso considerar a divulgação da reportagem na pós-produção.

Por geralmente tratar de temas mais sérios e/ ou que envolvem denúncias, é necessário que todos os dados e falas da reportagem estejam bem apurados e confirmados por fontes confiáveis, além de conferidos. Isso porque a imagem do repórter vai estar ali exposta, além da equipe de produção e o próprio meio de comunicação.

Em uma matéria audiovisual investigativa, deve ser essencial que exista, além de uma fonte oficial, que forneça os dados e um especialista no determinado assunto, buscar testemunhas do fato. Também deve caber ao jornalista procurar os lados possíveis de serem investigados da história, para que o produto final esteja completo e esclarecido ou, pelo menos, forneça pistas para as conclusões do público..

Um bom princípio – comprovam os estudos de probabilidade – é só confiar inteiramente em histórias contadas por três fontes que não se conhecem nem trocaram informações entre si. Toma-se como verdade, aí, o que é o mínimo comum aos três relatos, separando o que é fato do que é versão ou interpretação. O testemunho singular (o que um viu e outro não) deve ter a fonte citada. (Lage, 2003, p.30)

Para ilustrar todos os exemplos do audiovisual investigativo levantados aqui, lembramos a reportagem exibida na década de 90, no Globo Repórter, pelo jornalista Caco

⁶ Passagem: "é a imagem do repórter olhando para a câmera e falando uma parte da notícia" (Nodari, 2014, p.1)

⁷ Off: "a voz do repórter ou apresentador de telejornalismo falando sem aparecer no vídeo, é a narração corrente do texto jornalístico" (Nodari, 2014, p.1)

⁸ Sonora: "é a entrevista ou o depoimento do personagem da reportagem" (Nodari, 2014, p.10)

Barcellos⁹. As investigações e apurações extensas do repórter levaram à descoberta da Vala Clandestina de Perus¹⁰. Em meio aos trabalhos que apuravam a violência da polícia de São Paulo, o jornalista acabou se deparando com um cemitério clandestino de vítimas da ditadura militar.

Além da apuração extensa, criteriosa e demorada, a reportagem ainda contou com diversas fontes e entrevistas, dados, passagens do repórter no local, entre outros detalhes já citados ao longo deste capítulo que aproximavam a história, de forma envolvente, com o telespectador. Não à toa, até os dias atuais, a matéria é reconhecida como um dos grandes exemplos no jornalismo investigativo, sendo também uma das principais da carreira do jornalista Caco Barcellos.

⁹ Caco Barcellos é repórter da Rede Globo e escritor premiado, que se dedica ao jornalismo de relevância social.

¹⁰ A reportagem completa pode ser acessada no link <https://youtu.be/yKBc7S4tS>
<https://youtu.be/yKBc7S4tSfU>

3. A TRAGÉDIA EM PETRÓPOLIS: O QUE ACONTECEU E O QUE MUDOU DESDE ENTÃO

Neste capítulo do trabalho, o objetivo é compreender fatores físicos e sociais que levam a cidade de Petrópolis a ser constantemente castigada com chuvas e deslizamentos. Questões de relevo, clima e como o município foi sendo historicamente construído.

Além disso, falar brevemente sobre as três maiores chuvas registradas (1988, 2011 e 2022). Quais as semelhanças entre elas? Quais as diferenças? Tudo isso observando também as distinções numéricas de desabrigados, mortos e feridos, e as localizações mais atingidas em cada evento.

3.1 ENTENDENDO A GEOGRAFIA DA TRAGÉDIA.

Até fevereiro de 2022, a tragédia de 1988 tinha sido a pior delas. De acordo com um levantamento da imprensa local, 134 pessoas morreram naquele 5 de fevereiro. A chuva de 88 tem algumas semelhanças nas localidades em relação a 2022. A tromba d'água também atingiu a região central da cidade, que sofreu com fortes alagamentos, mas foi pior nos bairros Quintandinha, Bingen, Araras e Corrêas. Foram contabilizados 20 deslizamentos de terra e mil pessoas ficaram desabrigadas.

Depois disso, Petrópolis também sofreu com mais duas chuvas fortes neste período de tempo: em 2001 foram 67 mortes e em 2002, 50. No entanto, outra tragédia maior estaria por vir, 2011. Esta que, inclusive, foi a maior catástrofe climática do país. As principais cidades atingidas foram Teresópolis, Nova Friburgo e Petrópolis. No total, 918 mortes foram contabilizadas. Em Petrópolis, foram 71 mortos e 45 desaparecidos.

A tragédia de 2011 não afetou tanto a cidade imperial em comparativo as outras duas, por conta da chuva ter atingido áreas mais distantes da concentração de pessoas, o Vale do Cuiabá e o Vale do Rio Santo Antônio.

Já a chuva de 2022 se diferencia das outras em alguns aspectos importantes. Além de ser considerada a maior da cidade, com 235 mortos e 3 desaparecidos, ela atingiu pontos de maior visibilidade social em Petrópolis. O primeiro distrito, região central do município, foi o mais devastado pela tempestade.

De acordo com professor de geografia da UERJ e petropolitano Romulo Weckmuller, a tragédia de 2022 chamou mais atenção por conta das imagens chocantes do desastre em

pontos turísticos famosos da cidade. Praças e monumentos foram cobertos por lama, destroços e até mesmo corpos.

E ainda, o fato de ter atingido territórios nobres da cidade de Petrópolis, segundo ele, também fez com que muitos olhos se virassem em direção ao desastre. Mas apesar disso, os locais mais afetados continuam sendo os de maior vulnerabilidade social. Por exemplo, a região do Alto da Serra, local onde fica o Morro das Oficinas, contabiliza o maior número de vítimas. Os deslizamentos de terra causaram 93 mortes somente ali.

Junto a isso, outro fator importante levantado pela tragédia é o do termo Racismo Ambiental. As áreas mais afetadas em casos de desastres ambientais são encostas e comunidades, o que faz com que, conseqüentemente, a população negra seja a mais afetada pelas tragédias.

Ou seja, historicamente, a parcela da população que mais sofre com catástrofes naturais é a que menos recebe visibilidade e auxílio. E também a que continua sofrendo com as conseqüências de ter sido colocada às mazelas sociais. Principalmente em um país estruturalmente racista como o Brasil.

De acordo com o engenheiro Luis Carlos Oliveira, coordenador do Plano Municipal de Redução de Riscos, a cidade de Petrópolis possui um cenário complexo em relação às áreas de risco mapeadas. Não são apenas alguns locais isolados que demonstram instabilidade, e sim praticamente a cidade inteira. Somente no primeiro distrito, região próxima ao centro da cidade, são 102 áreas classificadas como de risco ou alto risco em cerca de 15 regiões.

Esse mapeamento e essa classificação são feitos com base em critérios de geoprocessamento. Além de estudar a área em si, o plano também estuda se existe risco populacional naquele local. Ou seja, um território que apresenta altas chances de deslizamento mas é isolado da população, não entra em uma classificação de alto risco.

Além de discutir os fatores estruturais e sociais que fazem de Petrópolis uma cidade propícia a problemas relacionados às chuvas, é essencial compreender por que, geograficamente, a cidade possui essas tendências.

Em primeiro lugar, um dos principais fatores que faz do município um "local perfeito" para tragédias é o relevo movimentado, ou seja, por estar localizado na região serrana, possui muitos terrenos irregulares, com morros e depressões, o que favorece as movimentações de terras e taludes.

Outro tópico de extrema importância é o fato de que a localização da cidade (perto do litoral e em uma região tropical) faz com que ela receba, as vezes simultaneamente, os três principais tipos de chuva tipificados pela geografia. Chuva convectiva ou chuva de verão, chuva orográfica ou de relevo e chuva frontal.

A primeira acontece quando as temperaturas estão mais elevadas e o tempo mais abafado, ocasionando os temporais típicos da estação do ano, a qual recebe o nome. A segunda ocorre, justamente, por conta do relevo de Petrópolis, que faz com que as nuvens fiquem presas e concentradas em uma região montanhosa.

A última é ocasionada pelo encontro de frentes frias e quentes. Por estar próxima do litoral, e virada de frente para o Sul, de onde vêm grande parte das frentes frias. Dessa forma, o encontro desses tipos de chuva potencializa a ocorrência de trombas d'água e tempestades mais fortes, como as que atingem o município.

Um terceiro aspecto social/geográfico que faz de Petrópolis uma cidade propensa a tragédias é a localização de grande parte da população. Segundo o Plano Municipal de Redução de Riscos, de 2017, existem hoje 234 locais listados como de risco ou alto risco de deslizamentos, enchentes e inundações. Isso corresponde a 18% do território. Segundo dados da Casa Civil e Ministério das Cidades, 72 mil pessoas vivem em áreas suscetíveis a esses problemas. Isso corresponde a quase 30% da população.

Ainda de acordo com a pesquisa, Petrópolis é a quarta cidade do país com mais áreas de risco.

3.2 O QUE MUDOU DESDE ENTÃO

O foco nesse tópico é trazer quais foram as mudanças na cidade desde a tragédia de 2022. Ou seja, o que o poder público fez para evitar que isso se repita? O que já havia sido feito (ou deveria ter sido feito) desde as outras tragédias? A ideia é analisar os materiais pós tragédia, os levantamentos feitos, e reações do poder público.

Ainda segundo o engenheiro que coordena o PMRR, todas as áreas que estavam classificadas como de alto risco foram atingidas pelas chuvas em fevereiro. No entanto, nem todas haviam recebido as obras que foram julgadas necessárias para evitar problemas. Um desses locais foi justamente o mais atingido, o Alto da Serra.

Luis Carlos explicou que os critérios adotados para definir onde seriam feitas mais obras de contenção foram a abrangência populacional, o investimento e claro, os riscos.

Segundo ele, o Morro da Oficina demandaria um contingente grande e não cobriria a quantidade de pessoas que moram em outros lugares, como no centro, por exemplo.

O problema é que o Morro da Oficina foi o epicentro da tragédia. Somente ali, 93 pessoas morreram. E hoje, pouca coisa mudou. Foram construídos muros de contingência e aqueles que tiveram que sair de suas casas por conta dessa obra receberam indenizações. No entanto, não foi proporcional ao valor recebido por quem perdeu tudo na tragédia. Grande parte dos escombros foram retirados, mas o lugar continua praticamente igual, além do fato de que, quem ficou, não pode voltar para lá.

A prefeitura de Petrópolis afirma que desde 2022 foram feitas inúmeras obras de contenção, ações de conscientização, além do pagamento de aluguel social e remanejamento de pessoas que perderam as casas. Mas na realidade, isso muitas vezes não acontece. Hoje existem inúmeras famílias que não recebem mais o auxílio, que foi cortado sem grandes justificativas. E com isso muitas inclusive já voltaram para suas casas, interditadas pela Defesa Civil.

Em março de 2024, outra grande chuva atingiu Petrópolis. Quatro pessoas da mesma família morreram no Alto Independência. Quando comparada à tragédia de 2022, apesar das perdas, foi possível ver mudanças relacionadas ao preparo da população e medidas da Defesa Civil. Além de um sistema de alerta bem mais eficaz, os estados do sudeste já estavam se preparando para receber fortes chuvas naquela ocasião.

O CEMADEN, junto ao Inmet, emitiu alertas para toda a região serrana do Rio de Janeiro, o que contribuiu para um preparo maior. O município decretou ponto facultativo no dia da chuva e escolas se tornaram pontos de apoio.

De acordo com Giovanni Dalif, do CEMADEN, o que é possível observar em Petrópolis é uma mudança de comportamento da população que é fruto do medo e do trauma. As pessoas buscam se proteger mais, há mais ações de conscientização e mais preparo por parte do estado. O que ainda faltam são políticas públicas eficazes, principalmente no que diz respeito à moradia para a população que vive em áreas de alto risco.

4. DIÁRIO DE PRODUÇÃO

Em primeiro lugar é importante que eu diga o porquê de ter escolhido esse tema para uma reportagem. Afinal, eu não sou de Petrópolis e nem ao menos perdi alguém nas chuvas de 2022. No entanto, tenho uma forte ligação com a cidade e com as pessoas que conheci lá. Na segunda chuva, em março, estava em Petrópolis e inclusive tive que ficar em uma casa diferente da que eu costumava, porque não tive como chegar até lá.

Mas o que realmente me motivou a fazer essa reportagem foi o que eu percebi nas pessoas com quem eu conversava. Apatia, medo, esquecimento. Comecei a me questionar como aquela população tinha passado por um trauma tão grande e aceitava seguir a vida com medo. Porque hoje, em Petrópolis, o que eu sinto e vejo nas pessoas é medo. Além disso, não conseguia entender como aos poucos o que aconteceu em fevereiro de 2022 ia sendo esquecido e senti que a história dessas pessoas precisava ser contada e lembrada.

Decidi fazer uma reportagem porque pensei que o tema precisava de um tom mais jornalístico do que um documentário. E, principalmente, depois que assisti a série do repórter Marcelo Canellas sobre a tragédia da Boate Kiss. A forma com que ele colocou os depoimentos junto a um tom investigativo e de presença da pessoa do repórter no local, foi o que me inspirou a escolher o método.

A primeira etapa foi a produção. Eu precisava encontrar essas pessoas e não conhecia quase ninguém. Ali começou um trabalho de "formiguinha" de ir buscando, por meio de quem eu conhecia, fontes que poderiam me levar a algum lugar. Como eu também já vinha consumindo muitos conteúdos sobre o tema, me ajudou na busca de personagens.

Além disso, conhecer pessoas em Petrópolis foi essencial para que elas me apontassem histórias que eu nem imaginaria. E foi assim, um por um, que fui construindo e pensando nas histórias que eu queria contar. E também foi assim que encontrei um dos meus primeiros desafios: como eu abordaria aquelas pessoas que tinham passado por tanta coisa, de uma forma empática e o mínimo invasiva possível? A princípio, tive muito medo que ninguém quisesse falar e tocar em feridas que ainda estão abertas.

Mas o que eu encontrei, na verdade, foi o contrário. Foram pessoas que queriam, e de certa forma precisavam, contar suas histórias. Isso tornou o processo de abordagem das fontes infinitamente mais fácil, pois senti que era bem-vinda ali. E em junho de 2024, comecei a organização para minhas viagens à Petrópolis.

Apesar da grande ajuda que tive pelo fato da família do meu namorado ser de lá, o local para ficar e deslocamento eram etapas tranquilas, confesso que conciliar trabalho durante a semana e viagem com mais trabalho no final de semana foi cansativo. Foram quase três meses de idas e vindas de ônibus e caronas. E no meio disso tudo ainda tive a felicidade de ser contratada no meu trabalho, o que também pesou um pouco de certa forma.

Antes de falar sobre as entrevistas que aconteceram, destaco que tentei por meios oficiais e extra-oficiais que alguém da Prefeitura ou da Defesa Civil gravasse comigo. No entanto, ou não tive respostas, ou recebi um não. Decidi que deixaria isso claro ao final da reportagem.

A primeira entrevista que fizemos foi com o engenheiro responsável pelo PMRR. Pensei que seria interessante começarmos com ele para que eu primeiro conseguisse entender o que de fato acontece em Petrópolis, como foi o pré e o pós chuva. Além dessas informações, também foi importante para que eu questionasse a ele pontos importantes sobre as obras.

Neste mesmo fim de semana também gravei com um professor de Geografia, que foi igualmente importante para que eu já começasse a planejar de que maneira eu encaixaria explicações mais técnicas no roteiro. O primeiro final de semana foi de muito aprendizado, tanto em relação às melhores maneiras de gravar, quanto aos cuidados que eu deveria ter de precaução com os arquivos.

Tive um problema com o cartão da faculdade por conta de leitura e pensei que perderia todo o fim de semana de gravações, mas foi resolvido. No entanto, resolvi mesmo assim comprar um cartão e pen-drives para já guardar todos os conteúdos.

As entrevistas seguintes foram com a Márcia, uma comerciante que estava na região do Alto da Serra no momento das chuvas e tinha um relato emocionante sobre como ela passou por aquilo. Ela foi a primeira vítima com quem eu de fato tive contato e foi muito importante para que eu sentisse um primeiro impacto de ter que lidar, em uma entrevista, com uma pessoa se emocionando daquela forma.

Depois disso conversamos com o Leandro, Eu sabia, desde o início do processo de produção, que precisava ter esse personagem no meu trabalho. Não como uma forma de me aproveitar do luto de alguém, mas porque eu sabia da importância e do que ele representava no contexto da tragédia. Na época das chuvas, Leandro ficou muito conhecido em todo o país por sua garra e determinação em encontrar seu filho Gabriel, de 17 anos.

Gabriel foi uma das vítimas que estavam nos ônibus que foram arrastados pela água na rua Washington Luis. Vídeos do momento em que ele e outras pessoas lutam pelas suas vidas

rodaram por todo o país e no exterior também. Leandro procurou incansavelmente pelo corpo do filho, que foi encontrado cerca de uma semana depois. E mesmo após encontrar, continuou ajudando bombeiros e voluntários nas buscas por desaparecidos.

Eu não tinha nenhum contato do Leandro e nem de alguém que o conhecia. Por isso, comecei a buscá-lo nas redes sociais e encontrei. Além do relato emocionante e de muita coragem que ele me deu, foi também com a ajuda dele que cheguei até os moradores do Morro da Oficina.

Todas as entrevistas foram importantes para mim de certa forma. Mas seria impossível não destacar dois dias dessa jornada. O primeiro foi quando eu e meu parceiro Murilo Macedo fomos até a Rua Paulista, na casa do Cléber. O local está interditado desde 2022 e grande parte das pessoas ali já não recebem aluguel social.

Cléber perdeu um filho recém-nascido e a sogra no dia da tragédia. Ele fez questão que fôssemos até o local, e fez questão de nos mostrar tudo. A casa ainda está de pé pela metade, mas com muitos escombros. Foi a primeira vez que senti de fato o que havia acontecido em Petrópolis naquela chuva.

Além do depoimento dele, a forma com que ele nos mostrava cada canto daquele lugar me fez perceber como essas pessoas ainda tem feridas abertas e que precisavam ser de certa maneira cuidadas. Nós estávamos com os equipamentos e sem roupas ou calçados adequados, mas Cléber nos ajudou a "escalar" o local em meio ao mato e ao que restou da casa.

E o outro dia foi talvez o mais impactante de toda a gravação, quando fomos até o Morro da Oficina, no Alto da Serra, o local mais atingido pela tragédia. Fomos recepcionados pelo Adalto, que nos deu o depoimento mais forte e importante desse trabalho. No dia da tragédia, ele perdeu toda a família.

O Morro da Oficina segue pouco modificado em relação às obras. Tudo ainda é cercado por lama, barro, restos e agora mato. E mais uma vez fomos nós em maio a "escaladas" até o local onde ficavam as casas. Nesse dia, além de tudo, ainda contávamos com o frio e a neblina da cidade.

Adalto segue preso na tragédia até hoje. Seu filho, Lucas, tinha 20 anos. Ele foi retirado dos escombros por parentes e vizinhos, e o corpo foi entregue às autoridades. No entanto, Adalto nunca encontrou o filho e nem mesmo recebeu um atestado de óbito. Lucas Rufino ainda consta como desaparecido. Adalto perdeu a esposa, a filha, o filho e não teve o direito de enterrar o primogênito. A Polícia Civil do Rio de Janeiro não se manifestou sobre isso.

Também foi no Morro da Oficina que conversamos com Cristiane. Ela perdeu nove pessoas da família na chuva. E segue ali, lutando e se posicionando em prol das 53 famílias que perderam tudo naquele dia. Ela foi de extrema importância para que entendêssemos como está realmente a situação dos moradores dali e o que foi/está sendo feito pelo município.

Outra entrevista que eu fiz foi com um coordenador do CEMADEN- Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais. Desde o início eu tinha planejado falar com algum especialista nessa área, para falar não somente das causas da chuva e dos fatores de risco da cidade, mas para entender de que forma isso era monitorado e como os municípios deveriam ou não agir. Foi a primeira entrevista que gravei remotamente, visto que não tinha nenhum membro do órgão em Petrópolis ou até mesmo em Juiz de Fora.

Outra fonte que eu também queria conversar era um membro do Corpo de Bombeiros do Rio de Janeiro, para ter um relato de um representante dessas pessoas tão importantes no que diz respeito a salvar vidas ou até mesmo levar algum tipo de conforto às famílias. Esta entrevista também ocorreu de forma remota e foi muito importante para o que, mais tarde, eu descobriria que seria o fechamento da minha reportagem.

Passadas as entrevistas foi quando comecei a montar o roteiro e organizar as decupagens. Eu tinha feito apenas uma passagem, no Morro da Oficina, mas posteriormente, junto ao meu orientador, decidimos que seria interessante adicionar uma ao começo também. Voltamos à Petrópolis e fiz a última gravação do meu trabalho.

Nessa parte, gostaria de deixar um agradecimento especial ao meu parceiro e cinegrafista, que sem dúvidas foi minha base para que eu conseguisse gravar e fazer tudo que tinha me proposto. Além dele, o apoio da sua família lá em Petrópolis também foi essencial para que o processo fosse bem menos cansativo.

Voltando ao roteiro, confesso que não tenho como explicar de forma técnica e profissional as escolhas que tomei. Porque desde o começo, tudo que fiz nesse trabalho foi fruto de um envolvimento emocional muito grande. A montagem do roteiro veio naturalmente, de acordo com o que eu acreditava que deveria ou não estar nessa reportagem.

Talvez uma das minhas grandes dúvidas tenha sido a última parte. Enquanto eu fazia esse trabalho, uma chuva forte atingiu novamente Petrópolis e quatro pessoas morreram. Apesar do número menor em relação à tragédia, eu sentia que essas histórias também não poderiam ficar de fora. Além disso, também houve um preparo razoavelmente maior das autoridades para alertas e pontos de apoio.

Junto ao meu orientador, decidimos que o ideal seria colocar essa parte no final do trabalho, para que mostrássemos justamente que sim, isso vai seguir acontecendo e sim, pessoas seguem sofrendo com as chuvas na região serrana e em todo o país. No entanto, não sei se por medo, trauma, ou se de fato há um empenho por parte do município, houve uma clara mudança no modus operandi de lidar com as questões ambientais.

E junto a isso, enquanto gravava uma sonora com um major do Corpo de Bombeiros do Rio de Janeiro sobre as chuvas de 2022, ele acabou me dando um relato muito emocionante sobre 2024. Na última chuva, as quatro pessoas que morreram eram da mesma família. Mas uma menina de quatro anos ficou 16 horas soterrada e foi resgatada com vida, pela equipe em que o Major Vilela estava. Por isso, decidimos encaixar esse fato ao final do trabalho.

E sem dúvidas a minha maior dificuldade foi a decupagem. A sensação de que eu estava "jogando fora" depoimentos tão fortes e importantes foi uma grande barreira na hora de estruturar a reportagem. Mas após ver a produção se encaminhando, mais uma vez, senti que valeu a pena.

A escolha dos trechos se deu muito por conta do impacto que eu senti e imaginei que as pessoas sentiriam com cada um. Decidi iniciar o roteiro com a ideia que eu tinha até então do que era Petrópolis: um cenário quase bucólico. E depois disso, junto ao meu orientador, decidimos já cortar direto para uma sonora, justamente tentando representar o baque das chuvas na cidade.

Depois, fui encaixando os depoimentos de forma com que as entrevistas do Morro da Oficina ficassem por último, no intuito de demonstrar que, ao final, ali está o centro de todo o problema. E depois, claro, tomamos a decisão de colocar o ocorrido de 2024, porque não faria sentido fingir que aquilo não estava acontecendo novamente, mesmo que em menores proporções.

Além disso, outra decisão que tomei no meio do processo de roteirização foi algo que me pegou um pouco "de surpresa". Um dos pontos que eu havia levantado durante a parte escrita do meu trabalho, e que inclusive está presente na sonora do professor de Geografia, é a questão do racismo ambiental. Penso ser um tema de extrema importância e que se encaixa em muitas perspectivas do trabalho. No entanto, não o coloquei na reportagem.

Isso porque enquanto estava nas entrevistas no Morro da Oficina, a Cristiane, sem eu nem mesmo perguntar, me perguntou sobre isso. Segundo ela, outros veículos que foram lá entrevistá-la tinham tocado nesse tema, mas ela não acreditava ser justo. Não por não ser algo

muito válido e relevante, mas porque, na sua visão, muitas das pessoas que viviam ali não eram pretas. E, para ela, não era confortável e nem correto falar neste local. Com isso, conversei com meu orientador e decidimos não relatar isso na reportagem.

Ainda no meio do processo de edição tive problemas com uma das minhas passagens, a mais importante, no Morro da Oficina. No dia da gravação, o áudio da câmera e da lapela não funcionou. Mas todas as vezes utilizamos um segundo gravador caso isso ocorresse. Na hora de sincronizar, as entrevistas do Adalto e da Cristiane seguiram perfeitamente, mas a passagem não.

Não tive certeza se foi o áudio ou o vídeo que se perdeu em meio a transferências de arquivo, mas no fim, o jeito foi voltar lá e regravar, com o celular mesmo, já que não tinha tempo nem para pegar os equipamentos da faculdade. Eu poderia ter gravado o áudio e colocado por cima, ou até mesmo transformado em off, mas aquela para mim era a passagem mais importante no local mais importante do meu trabalho, então senti que era o certo a fazer, mesmo que com a qualidade mais baixa.

Ao final da reportagem, a ideia que tive com meu orientador foi de colocar todas as respostas que recebi do executivo municipal e de autoridades em relação aos questionamentos levantados na reportagem, que não foram muitas. Além disso, minha ideia era encerrar com todos os 244 nomes de vítimas mortas e desaparecidas. No entanto, não consegui essa lista oficialmente com o município. Então encerrei apenas com a dedicatória.

Outra parte importante da montagem da minha reportagem foi pensar nas imagens. Fizemos muitas imagens junto às entrevistas, mas era necessário que eu também corresse atrás de imagens do dia da tragédia. Consegui grande parte dos vídeos nas redes sociais e também de outros veículos como O Globo e UOL, que estiveram em Petrópolis durante as chuvas. Além disso, também consegui imagens cedidas pelo jornal local Tribuna de Petrópolis.

Uma das partes mais difíceis foi também a edição em si. Tenho muita dificuldade com edição de vídeo e estava com muito medo de atrapalhar em algo o trabalho por conta da qualidade da edição. Por isso, contei com a ajuda de um colega do trabalho que faz a parte de edição das reportagens.

No início, havíamos planejado que a reportagem teria cerca de 15 minutos. No entanto, o produto final ficou com 22:58. Por mais que seja um pouco mais longa do que o pensado, acredito que já tenha sido uma grande dificuldade cortar as sonoras, então fiz questão de manter o máximo possível dos depoimentos.

Ao final de tudo, junto com os créditos e a dedicatória às vítimas, decidi também que colocaria posicionamentos dos órgãos citados ao longo da reportagem. Pedi tudo com antecedência e deixei claro que o deadline era até a semana antes da entrega. A Prefeitura de Petrópolis não respondeu nenhum questionamento específico feito pelos moradores, apenas enviou um release com as ações do município desde 2022. E quanto à questão do filho do Adalto, a Polícia Civil do Rio de Janeiro também não me retornou.

Em relação aos equipamentos que utilizei, todas as vezes levei além da câmera, o tripé, um microfone lapela e uma luz, além dos carregadores. Durante as gravações, também deixava o celular gravando o áudio para caso desse problema (como aconteceu). Eu costumava brincar que nesses meses minhas viagens à Petrópolis eram sempre "eu e mais meio quilo de bagagem".

Por último, além da reportagem, também havia ficado acordado com meu orientador que eu criaria um site (FIGURA 1), para que ela não ficasse somente uma produção solta em alguma plataforma. Então, coloquei no espaço, além do vídeo, uma explicação do que é o trabalho (FIGURA 2), fotos dos bastidores e relatos (FIGURAS 3 E 4).

Em relação ao design do site e também dos slides, foi algo que eu encontrei dificuldade por achar que o tema era sério demais para ficar com algo muito elaborado e chamativo. Por isso escolhi fazer tudo o mais básico possível, de maneira que o conteúdo fosse o foco total de quem interagisse com a plataforma.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o começo eu sabia que seria um grande desafio produzir esta reportagem. Mas eu também sabia que era impossível que eu encerrasse meu ciclo na graduação sem que eu entregasse algo de volta às pessoas. Afinal, para mim, além de uma paixão e agora, oficialmente minha profissão, o jornalismo é um serviço.

Eu senti, desde o início, que eu precisava devolver algo à sociedade. Principalmente por estar finalizando meu curso em uma universidade pública. Além disso, uma das coisas que eu sempre amei no jornalismo é o poder que ele tem de ouvir as pessoas. Antes de um produtor, repórter, editor, quem quer que seja, falar, ele precisa ser escuta ativa. E mais, precisa dar voz à quem não tem.

Outra coisa que eu também quis desde o início foi terminar a faculdade com um trabalho prático e mais ainda, de televisão. Confesso que eu sempre fui muito certa da minha aptidão e amor pelo jornalismo diário e de TV, então eu precisava, para mim mesma, entregar um produto em que eu pudesse me ver em cada etapa. E ver que eu consigo fazer aquilo.

E também com esse trabalho senti que, de certa forma, pude aplicar um pouco de tudo que vi e aprendi na faculdade. As aulas, os laboratórios, os projetos de extensão, estágios, mesmo que em áreas distintas do jornalismo, cada um me ensinou algo que eu pude aplicar enquanto produzia, gravava, entrevistava, decupava e roteirizava esta reportagem.

Concluo meu trabalho e minha graduação com uma enorme sensação de que fiz o que eu podia e fiz o que eu sentia ser o certo. Cada escolha que eu tomei foi pensando nas pessoas que conversei e no que eu achava que deveria ser mostrado e contado. Poder ouvir as vítimas e ter que lidar com entrevistas tão carregadas emocionalmente me ensinou muito. E, pelo menos no meu ponto de vista, foi algo que me preparou para novos desafios na profissão.

É com extrema satisfação que digo que consegui ver muito nitidamente uma evolução na minha postura ao longo das gravações. Hoje, parando para rever e pensar em tudo, vejo que errei em algumas abordagens, errei em algumas perguntas que fiz e errei também nas minhas dificuldades de organização. Mas, acima de tudo, sei que dei o meu melhor e que vou levar tudo isso como um grande aprendizado.

Não vou negar que foi, muitas vezes, extremamente cansativo. Toda a jornada de pegar os equipamentos, viajar, passar os arquivos, dar conta de tudo aos finais de semana e no meio disso tudo ainda ter começado um novo emprego, foi trabalhoso.

Mas tive a oportunidade de conhecer pessoas incríveis e ouvir histórias muito fortes. Ir a lugares que eu provavelmente não iria nunca. Mas acima de tudo, tive a certeza de que meu lugar é ouvindo e contando histórias. E mais, mantendo a luta por justiça e por memória sempre viva por meio do meu trabalho.

LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE 1- ROTEIRO DA REPORTAGEM

ENTRA IMAGENS PETRÓPOLIS COM BG

OFF- A CIDADE DE PETRÓPOLIS, FICA NA REGIÃO SERRANA DO RIO DE JANEIRO, ELA É CONHECIDA EM TODO O PAÍS POR TER SIDO A ESCOLHA DE DOM PEDRO II PARA CONSTRUIR UM PALÁCIO DE VERANEIO, CONCLUÍDO EM 1800 E QUE HOJE É O MUSEU IMPERIAL DA CIDADE.// DESDE ENTÃO, O MUNICÍPIO VEM SENDO PRESERVADO COMO UM POLO TURÍSTICO DA HISTÓRIA DO BRASIL.// ALÉM DISSO, PETRÓPOLIS SE DESTACA PELA GASTRONOMIA, QUALIDADE DE VIDA E A POSSIBILIDADE DE CONTATO COM A NATUREZA//

CORTA BG

PASSAGEM- QUEM VÊ A CIDADE ASSIM, EM UM CENÁRIO QUASE BUCÓLICO, NÃO CONSEGUE IMAGINAR O PESADELO QUE OS MORADORES DAQUI VIVERAM NO DIA 15 DE FEVEREIRO DE 2022.//

SOBE SOM VIDEOS TRAGÉDIA

ENTRA SONORA CINHA

BG PARA A SITUAÇÃO

OFF- NAQUELE DIA, 235 PESSOAS MORRERAM VÍTIMAS DAS ENCHENTES E DESLIZAMENTOS.// E CERCA DE UM MES DEPOIS, OUTRA FORTE CHUVA DEIXOU MAIS SETE VÍTIMAS.// AO TODO, FORAM 242 VIDAS PERDIDAS NA CIDADE.// DUAS DELAS, NA FAMÍLIA DO CLEBER.//

ENTRA SONORA CLEBER TRAGÉDIA

OFF- ESSA É A RUA PAULISTA E AQUI É A CASA ONDE CLEBER VIVIA COM A FAMÍLIA. A RUA SEGUE INTERDITADA EM DIVERSAS PARTES.// SEM PODER CONTAR COM O ALUGUEL SOCIAL DA PREFEITURA E MESMO CONHECENDO

TODOS OS RISCOS, MUITOS MORADORES DECIDIRAM VOLTAR PARA SUAS CASAS. ESSAS FAMÍLIAS NÃO TÊM PARA ONDE IR.//

ENTRA SONORA CLÉBER AUXÍLIO

OFF- ASSIM COMO EM CLÉBER, O DIA 15 DE FEVEREIRO DEIXOU MARCAS TAMBÉM NA VIDA DE LEANDRO.// SEU FILHO, GABRIEL, TINHA 17 ANOS.// ELE FOI UMA DAS VÍTIMAS DA ENCHENTE QUE CARREGOU UM ÔNIBUS URBANO PARA DENTRO DO RIO QUITANDINHA, NA RUA WASHINGTON LUIZ, UMA DAS PRINCIPAIS RUAS DA CIDADE.//

ENTRA SONORA LEANDRO.//

BG

ENTRA IMAGENS CHUVAS

OFF- MAS O QUE DE FATO FEZ COM QUE AS CHUVAS EM 2022 CAUSASSEM TANTO ESTRAGO?// UMA CIDADE COMO PETRÓPOLIS, LOCALIZADA EM UMA REGIÃO SERRANA, ÚMIDA,//

ENTRA IMAGENS 2011

OFF- E QUE JÁ VIVEU OUTRAS TRAGÉDIAS, COMO A DE 2011, NÃO DEVERIA ESTAR AO MENOS UM POUCO MAIS PREPARADA PARA LIDAR COM SITUAÇÕES LÍMITES COMO AS DAS CHUVAS?//

SONORA ROMULO FORMACAO PETROPOLIS E CAUSAS CHUVAS

BG

ENTRA IMAGENS PLANO MUNICIPAL

OFF- EM 2003, UM PLANO MUNICIPAL DE REDUCAO DE RISCOS FOI IMPLEMENTADO NA CIDADE.// O ENGENHEIRO RESPONSÁVEL, LUIS CARLOS DE OLIVEIRA, CONTOU QUAIS OS RISCOS QUE ELE APONTOU NO MUNICÍPIO.///

SONORA LUIS CARLOS PMRR

BG

ENTRA IMAGENS CASAS DESTRUÍDAS

OFF- HOJE, 15 MIL FAMÍLIAS AINDA VIVEM EM ÁREAS DE ALTO RISCO EM PETRÓPOLIS.// SEGUNDO LUÍS CARLOS, PRATICAMENTE TODAS AS OBRAS PROPOSTAS PELO PLANO FORAM REALIZADAS NAS ÁREAS ESCOLHIDAS.// NO ENTANTO, UM LUGAR ESPECÍFICO NÃO RECEBEU AS OBRAS DE CONTENÇÃO ANTES DAS CHUVAS DE 2022.// E FOI ALI, JUSTAMENTE, O EPICENTRO DA TRAGÉDIA.///

PASSAGEM MORRO DA OFICINA

OFF- UMA DESSAS PESSOAS É A CRISTIANE.// MORADORA DO MORRO DA OFICINA HÁ 30 ANOS. ELA PERDEU 9 PESSOAS NO DESLIZAMENTO DE 2022.//

SONORA CRISTIANE FAMÍLIA

ENTRA IMAGENS CRISTIANE

OFF- HOJE, ELA LUTA INCANSAVELMENTE POR JUSTIÇA, MEMÓRIA E PREVENÇÃO.//

SONORA CRISTIANE JUSTIÇA

BG

ENTRA IMAGENS ADALTON

OFF- A HISTÓRIA DA TRAGÉDIA DE 2022 TEM MUITOS PERSONAGENS E VÍTIMAS.// MAS É IMPOSSÍVEL CONTÁ-LA SEM MENCIONAR ADALTON RUFINO.// A HISTÓRIA DELE, INCLUSIVE, CRUZA EM DIVERSOS MOMENTOS COM O PONTO FUNDAMENTAL DO PROBLEMA.//

FOTO PAPEL DEFESA CIVIL + FOTOS DESTRUÍÇÃO

OFF- EM 2013, A CASA DE ADALTON, NO MORRO DA OFICINA, FOI INTERDITADA PELA DEFESA CIVIL.// A FAMÍLIA SE MUDOU, MAS QUATRO ANOS DEPOIS ELES RETORNARAM PORQUE NÃO TINHAM MAIS CONDIÇÕES DE PAGAR ALUGUEL.// EM 2022, O DESLIZAMENTO NO ALTO DA SERRA MATOU A ESPOSA E OS DOIS FILHOS DE ADALTON.///

SONORA ADALTON DESLIZAMENTO

BG

IMAGENS DESTRUIÇÃO

OFF- SÓ QUE A HISTÓRIA DESSA FAMÍLIA NAO TERMINA NO DIA 15 DE FEVEREIRO DE 2022.// OFICIALMENTE, LUCAS RUFINO, DE 20 ANOS, É DADO PELA DEFESA CIVIL DE PETRÓPOLIS COMO DESAPARECIDO.// MAS DO OUTRO LADO, TEM UM PAI QUE BUSCA UMA EXPLICAÇÃO E O ATESTADO DE ÓBITO DO FILHO.//

SONORA ADALTON FILHO

IMAGENS 2024

OFF- EM MARCO DE 2024, ENQUANTO ESTE TRABALHO ERA PRODUZIDO, UMA FORTE CHUVA ATINGIU NOVAMENTE PETRÓPOLIS.// O CEMADEN, CENTRO NACIONAL DE MONITORAMENTO E ALERTA DE DESASTRES, HAVIA FEITO ALERTAS DE TEMPESTADES EM VÁRIOS LOCAIS DA REGIAO SUDESTE DO PAÍS.// FOI DECRETADO, INCLUSIVE, PONTO FACULTATIVO NA CIDADE. AS ESCOLAS SE TORNARAM PONTOS DE APOIO.// MESMO ASSIM, QUATRO PESSOAS MORRERAM.///

SONORA CEMADEN

OFF- EM MEIO A TRAGÉDIAS QUE NÃO PARECEM TER FIM NA REGIÃO, HÁ RELATOS EMOCIONANTES.// NA CHUVA DE MARCO DESTE ANO,UMA MENINA DE 4 ANOS FOI A ÚNICA SOBREVIVENTE DO DESLIZAMENTO NA CASA DA FAMÍLIA.// AYLÁ FICOU 16 HORAS SOTERRADA. PERDEU O PAI, A MÃE, O IRMÃO E A AVÓ.// O MAJOR VINICIUS VILELA ESTEVE PRESENTE NO RESGATE.///

SONORA MAJOR

TAKES VÍTIMAS

OFF- A HISTÓRIA DAS PESSOAS QUE CONVERSARAM CONOSCO SÃO UMA PARTE DO RESULTADO DAS TRAGÉDIAS EM PETRÓPOLIS.// MILHARES DE OUTRAS VÍTIMAS SE TORNARAM NÚMEROS DE MORTOS, FERIDOS, DESABRIGADOS, DESALOJADOS.// E MESMO SOBREVIVENDO, SÃO PESSOAS QUE TÊM QUE CONVIVER COM A DOR E COM A SAUDADE.// ATÉ QUANDO

PETRÓPOLIS VAI CONTINUAR CONTANDO OS NOMES DOS MORADORES?
//ATÉ QUANDO A CIDADE VAI TER QUE CONVIVER COM O MEDO DA CHUVA.//

ENTRA IMAGENS PLACA MORRO DA OFICINA

OFF-A PROVIDÊNCIA NÃO PODE SER APENAS A HOMENAGEM AOS MORTOS E
DESAPARECIDOS//, MAS O CUIDADO COM A VIDA DE QUEM ESTÁ AQUI.///

ENTRA BG E IMAGENS

IMAGENS DA TRAGÉDIA COM AS RESPOSTAS DOS QUESTIONAMENTOS

SEGUE BG

ENCERRA COM A TELA PRETA COM DEDICATÓRIA ÀS VÍTIMAS

CRÉDITOS FINAIS

APÊNDICE 2- POSICIONAMENTOS DOS ÓRGÃOS

Nenhum membro da Prefeitura de Petrópolis ou da Defesa Civil do município aceitou dar entrevistas.

Quanto ao filho de Adalto, a Polícia Civil do Rio de Janeiro não respondeu aos questionamentos.

A Prefeitura de Petrópolis não respondeu nenhum questionamento dos moradores da Rua Paulista e do Morro da Oficina. Quando questionada, enviou um release com as ações do município desde 2022.

APÊNDICE 3- SITE



APÊNDICE 4- SOBRE A PRODUÇÃO

Sobre essa produção

Essa reportagem foi produzida e gravada por Ana Clara Ciscotto Rienda Pais, para o Trabalho de Conclusão de Curso na Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora.
Orientado pelo Prof. Dr. Álvaro Americano.

APÊNDICE 5- MAKING OFF



APÊNDICE 6- DEPOIMENTOS

Depoimentos

"Ele falou pra mim: o Gabriel não conseguiu sair dos ônibus. Eu não acreditei... Mas quando o rapaz começou a chorar vi que era verdade,"

Leandro Rocha, perdeu o filho Gabriel que estava nos ônibus arrastados para dentro do rio.

"O que eu queria aqui nesse lugar é um memorial. Eles me devem isso. Eles devem isso pra gente."

Cristiane Gross, perdeu nove pessoas da família nos deslizamentos do Morro da Oficina

"Eu não quero indenização, não quero nada. Só quero saber o que fizeram com o meu filho... É muito cruel"

Adalto da Silva, perdeu a família no Morro da Oficina. Pede pelo atestado de óbito do filho, que ainda costa como desaparecido.

"A água tava eletrizada, a gente subia em cima dos carros e pulava. E a gente pensava, vamos morrer aqui"

Márcia Macharotto, estava no Alto da Serra na hora das chuvas.

"Eu não voltaria nunca pra cá. Nem se construíssem uma mansão. Só de chegar perto eu já lembro da sensação daquele dia."

Cléber Guedes, perdeu o filho recém-nascido e a sogra na queda de barreira na Rua Paulista.

6. REFERÊNCIAS

APÓS um ano de tragédia que deixou 241 mortos, Petrópolis tem cem pontos de risco sem obras. **O Globo**, [S. l.], p. 1, 15 fev. 2023. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/google/amp/rio/noticia/2023/02/apos-um-ano-de-tragedia-que-deixou-241-mortos-petropolis-tem-cem-pontos-de-risco-sem-obras.ghml>. Acesso em: 26 dez. 2023.

ARBEX, Daniela. **Todo dia a mesma noite: a história não contada da Boate Kiss**. [S. l.: s. n.], 2018. 248 p.

AS FACES de uma tragédia. **Tribuna de Petrópolis**, [S. l.], p. 1, 20 fev. 2022. Disponível em: <https://amp.tribunadepetropolis.com.br/noticias/as-faces-de-uma-tragedia>. Acesso em: 26 dez. 2023.

COMPARATO, Doc. **Da criação ao roteiro: Teoria e Prática**. [S. l.: s. n.], 1995.

CONFIRA algumas das imagens mais marcantes da tragédia em Petrópolis. **Tribuna de Petrópolis**, [S. l.], p. 1, 17 fev. 2022. Disponível em: <https://amp.tribunadepetropolis.com.br/noticias/confira-algumas-das-imagens-mais-marcantes-das-chuvas-em-petropolis>. Acesso em: 26 dez. 2023.

ESCOLA Base- **Um repórter enfrenta o passado**. [S. l.: s. n.], 2022. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/11107705/>. Acesso em: 26 dez. 2023.

GALTUNG, Johan; RUGE, Mari Holmboe. A estrutura do noticiário estrangeiro: A apresentação das crises do Congo, Cuba e Chipre em quatro jornais estrangeiros. *In*: GALTUNG, Johan; RUGE, Mari Holmboe. **A estrutura do noticiário estrangeiro**. [S. l.: s. n.], 1965. p. 61-73.

GLOBO Repórter - **Vala Clandestina de Perus** (1995). [S. l.: s. n.], 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yKBc7S4tSfU>. Acesso em: 26 dez. 2023.

LAGE, Nilson. **Teoria e técnica de reportagem, entrevista e pesquisa jornalística**. [S. l.: s. n.], 2003.

NODARI, Sandra. Off - o mal (des)necessário: a produção de reportagens sem locução. **Dito Efeito**, [s. l.], 7 jul. 2014. DOI 10.3895/rde.v5n7.2704. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/de/article/view/2704/1893>. Acesso em: 20 dez. 2023.

PENA, Felipe. **A Teoria do Jornalismo no Brasil -após 1950-**. [S. l.: s. n.], 2005. 172 p.

PETRÓPOLIS: **Conheça histórias de quem lutou pela vida em ônibus arrastados por enxurrada**. [S. l.: s. n.], 2022. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/10320100/>. Acesso em: 26 dez. 2023.

PETRÓPOLIS: não foi um desastre natural!. **Jornal da UNICAMP**, [S. l.], p. 1, 22 fev. 2022. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/ju/noticias/2022/02/22/petropolis-nao-foi-um-desastre-natural>. Acesso em: 26 dez. 2023.

SODRÉ, M. A televisão é uma forma de vida. Revista **FAMECOS**, [S. l.], v. 8, n. 16, p. 18–35, 2008. DOI: 10.15448/1980-3729.2001.16.3135. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3135>. Acesso em: 20 dez. 2023.

TAVARES, Maria Alice. **O verbo no texto jornalístico: notícia e reportagem**. Working Papers em Linguística, [S. l.], p. 124-142, 12 dez. 1997. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/download/1490/1631>. Acesso em: 12 dez. 2023.

TEMPORAL em Petrópolis supera mortos de 1988 e 2011 e se torna o mais letal. **UOL**, [S. l.], p. 1, 26 dez. 2023. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2022/02/19/tragedia-petropolis-maior-chuvas-mortes-vitimas.amp.htm>. Acesso em: 26 dez. 2023.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**: A tribo jornalística- uma comunidade interpretativa transnacional. [S. l.: s. n.], 2005. v. 2.

TRAGÉDIA em Petrópolis completa um mês e mais de 600 seguem desabrigados. **CNN**, [S. l.], p. 1, 15 mar. 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/petropolis-tragedia-completa-um-mes-e-mais-de-600-s-eguem-desabrigados/>. Acesso em: 26 dez. 2023.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. 8. ed. [S. l.: s. n.], 2006.